



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREDD
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



Rosane dos Santos Silva

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REMEMORANDO A TRAJETÓRIA
DEFORMAÇÃO DE UMA FUTURA PEDAGOGA EM JI-PARANÁ,
RONDÔNIA**

Ji-Paraná/RO
2017

Rosane dos Santos Silva

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REMEMORANDO A TRAJETÓRIA
DEFORMAÇÃO DE UMA FUTURA PEDAGOGA EM JI-PARANÁ,
RONDÔNIA**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Porto Velho, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), como pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro.

Ji-Paraná/RO
2017

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REMEMORANDO A TRAJETÓRIA
DEFORMAÇÃO DE UMA FUTURA PEDAGOGA EM JI-PARANÁ,
RONDÔNIA**

Rosane dos Santos Silva

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Prof.^a Dr.^a Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof.Dr. RafaelFonseca de Castro
(Orientador)

Membro: Prof.^a Esp. Ana Cláudia Oliveira da Silva

Membro: Prof.^aEsp. Rosemeri Krumenaur Stangue

Membro: Prof. Dr. Robson Fonseca Simões
(Suplente)

Ji-Paraná/RO
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido força esperança e fé, pois, só sob suas bênçãos, pude alcançar esse objetivo.

Agradeço minha família, meu esposo Davi, pela compreensão, apoio e o incentivo em minha caminhada acadêmica.

A minhas filhas, Thais e Valentina.

A Thais, pela colaboração na organização da casa e aos cuidados e o carinho dispensado a nossa pequena Valentina, que é um presente de Deus em nossas vidas.

Agradeço, também, a minhas tutoras, pelo incentivo e pelas orientações.

Muitíssimo obrigada!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1-INFÂNCIA.....	7
2-INÍCIO ESCOLAR.....	9
3-A RETOMADA.....	15
4- EXPECTATIVASACADÊMICAS.....	16
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

APRESENTAÇÃO

Esse é um memorial descritivo de formação acadêmica, vou narrar lembranças e fatos vivenciados em minha infância, o início escolar, os percalços, as desistências, a retomada, as expectativas da graduação e a experiência de estágio como auxiliar pedagógica.

O objetivo maior, nesse rememorar fragmentos da minha trajetória estudantil, desde o primeiro contato com o universo escolar, até a graduação, é fazer uma reflexão do eu educando e, no futuro, do eu educadora, baseado no que marcou minha vida, os traumas, as dificuldades e os desafios, com a reflexão, de minhas experiências, embasado nos conhecimentos acadêmicos, para melhorar ou rever as futuras práticas pedagógicas.

Segundo Prado e Saligo (2005), no que se refere ao memorial de formação, trata-se de um gênero narrativo que discorreremos sobre a nossa própria história, onde somos escritores, narradores e personagem desse enredo. Ao descrevê-lo, refletimos sobre as experiências vividas e as comparamos aos conhecimentos de formação ou às práticas profissionais, tendo em vista que o memorial de formação, embora seja um relato autobiográfico, o autor deve primar sempre em dois paralelos, reflexão da trajetória estudantil e da profissional.

E para essas reflexões das minhas experiências pessoais e acadêmicas, trouxe para análise o estudo de autores como: Elinor Goldschmied, Sonia Jackson, Yves La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Helen Bee, entre outros. Abordando temas e nos brindando com o conhecimento de que o ambiente influencia no desenvolvimento, na aprendizagem e no comportamento social do sujeito, assim como heranças gênicas, questões sociais e afetivas, como: divórcio, morte, mudanças abruptas e outras situações conflituosas também influem e podem modificar a interação do indivíduo com o meio ambiente.

Tendo em vista que em algum momento da carreira o professor, sobretudo em licenciatura da educação infantil, por uma eventualidade, pode se deparar em circunstâncias nas quais seja necessário saber lidar com essas situações.

1-INFÂNCIA

Para falar da minha trajetória estudantil, é preciso voltar um pouco antes no início da minha infância. Nasci em maio de 1979, em Bom Jesus da Lapa, estado da Bahia, a primogênita de uma família de quatro filhos. Tive uma infância relativamente tranquila, não tive primos diretos, pois teoricamente os meus pais são filhos únicos.

Minha avó materna abandonou meu avô e minha mãe, e foi embora levando o outro filho do casal. Até hoje não temos nem um tipo de notícia sobre onde moram, se estão vivos, ou mortos, nunca tivemos nem uma informação do paradeiro deles. Já o meu pai, é fruto de um relacionamento que não deu certo: foi criado pela avó, não teve muito contato com a mãe, nem, tampouco, com os outros irmãos.

Tenho muitas recordações da minha infância lembranças boas e também ruins. As boas, as viagens para o sítio dos meus avós materno, ainda me lembro do cheiro do pó da estrada de chão, o sabor dos caramelos, das cocadas, das canjicas, do arroz doce, e de outras guloseimas que minha avó preparava. Recordo, também, de passear nos ombros do meu pai, de quando ele me jogava para o alto e eu sempre pedia para jogar de novo, das festas folclóricas (Folia de Reis São João), das viagens de catamarã e o pavor que sentia das carrancas do Rio São Francisco, e do nascimento do meu primeiro irmão.

Assim como as boas lembranças, as ruins também marcam, e creio que bem mais, pois elas deixam traumas que se leva para a vida. Um desses traumas foi o acidente de trabalho que meu pai sofreu quando voltava para casa. O carro que ele estava capotou, deixando-o gravemente ferido. Lembro quando o patrão dele chegou trazendo a fatídica notícia e que minha mãe chorava desesperada, entrando no carro, deixando o meu irmão e eu com uma vizinha. Eu chorava, pois queria ir também, embora ninguém tenha me explicado o ocorrido, eu sabia que alguma coisa muito triste tinha acontecido. Segundo (BEE, 1997), no que tange os aspectos do os vínculos afetivos e apego na infância, crianças entre três e quatro anos possuem níveis consideráveis de cognição para compreender a mãe quando a mesma explica por qual motivo tem que se ausentar, diminuindo, assim, a ansiedade da criança no momento da separação.

Foram dias, meses, muito difíceis . Minha mãe tentava conciliar a atenção entre o bebê recém-nascido, meu pai hospitalizado e eu. Ficou um silêncio em nossa casa, um espaço vazio, era essa a sensação que eu tinha. Senti muita falta dele, pois foram doze meses de internação e mais cinco anos em tratamento e fisioterapia. Com o passar dos dias, acostumei ou me adaptei com ausência.

Aqui recorro ao esclarecimento de Bee (2003), que afirma, quando as crianças vivenciam o divórcio dos pais, morte ou mudanças ou situações estressantes no âmbito familiar, os meninos costumam responder de forma mais acentuada a tais divergências.

Contudo, meninos e meninas que vivenciaram morte na família, divórcio dos pais ou alguma grande mudança que os tiram da rotina, respondem de forma diferente, mas o trauma, o efeito nocivo é observado em ambos os sexos, produzindo várias perturbações desde a agressividade, baixo desempenho escolar, dentre outros retrocessos.

2-INÍCIO ESCOLAR

Meu contato com a escola teve início um ano depois do acidente, no ano de 1985. Recordo que minha mãe e eu fomos a um estúdio fotográfico, fazer fotos 3/4 para a matrícula no Jardim de Infância Jane Arizati, ainda me lembro do nome da professora, "Tia Adelaide", do perfil dela: uma moça magra, alta, cabelo preto com franja típica dos anos oitenta. Tenho recordações do cheiro do giz de cera, das canções de boas vindas e tenho uma forte recordação de um coleguinha desse período. Segundo Bee (1997), a partir do segundo ano de idade, as crianças já desenvolvem laços de amizade, e essas relações são um terreno fértil para as aprendizagens recíprocas.

Minha professora era muito atenciosa com todos, nas atividades de coordenação motora, com os exercícios de vai e vem, colagem em recortes de papel, sobe e desce, no traçado das letras pontilhadas e outras técnicas para exercitar as mãos, ainda sem muito jeito com o lápis.

Fui uma garota muito ativa, como todas as crianças devem ser. Minha mãe costuma falar que eu era traquina muito arteira, como dizem os nordestinos, e assim com esse comportamento agitava toda a sala, e acabava me envolvendo em pequenas rugas com os colegas. Segundo relatos de minha mãe, a professora fazia reclamações sobre minhas travessuras em sala.

Sabe-se que crianças muito pequenas têm dificuldade de se concentrar por períodos longos, que essa é uma capacidade começa a se desenvolver com o tempo, até mesmo para um adulto é entediante ficar parado por muito tempo. Para uma criança em fase pré-escolar, permanecer sentado ainda é algo desafiador. Hoje, o professor das series iniciais tem como premissa ensinar de forma lúdica, através das brincadeiras, dos jogos, promovendo a construção do conhecimento de maneira descontraída, envolvendo as crianças em atividades prazerosas e, nessa interação, elas extravasam e conseqüentemente, vão produzir serotonina e dopamina, dois neurotransmissores vitais na promoção do bem estar e do prazer, como também do controle dos impulsos. Esses hormônios promovem a atenção, o foco e propiciam o aprendizado.

Vários pesquisadores têm dedicado estudos sobre as relações entre o brincar e o desenvolvimento infantil, reforçando a importância das brincadeiras, e dos jogos como elemento integrador da aprendizagem, e do desenvolvimento e de valores sociais. Segundo Murcia (2005).

A brincadeira é uma atividade de fonte de prazer, é uma experiência de liberdade e arbitrariedade, já que a característica psicológica principal, é que se produz sobre um fundo psíquico geral caracterizado pela liberdade de escolha. Através das brincadeiras, as crianças saem do presente, da situação concreta, situam-se e experimentam, outros papéis e personagens, com uma mobilidade e uma liberdade que a realidade da vida não lhes permite (MURCIA, 2005, p. 46).

Ou seja, através das brincadeiras e da ludicidade, as crianças vivenciam várias experiências como, a tomada de decisões diante de uma situação problema, experimenta a frustração, como também a excitação apoteótica de uma vitória. São situações que propiciam o crescimento interpessoal e cognitivo das mesmas, além dessas perspectivas elencadas, existem outras possibilidades para o professor trabalhar a ludicidade em sala.

Voltando às minhas memórias, devido às condições de saúde do meu pai, e o nascimento de mais um filho, a saúde da minha mãe começou a se fragilizar também, e ela precisou viajar a tratamento para outro estado, e eu tive que passar um tempo com a vovó, que morava em uma agrovila. Fui matriculada em uma escola nesse período, que compreende o ano 1986. Cheguei a frequentar algumas vezes as aulas, minha avó me levava. Porém, eu não me adaptei à nova escola, não socializei com os colegas, nos primeiros dias, me indispus com uma colega e me apelidaram de “leoa” e começaram a me chamar assim, e isso me deixava, muito irritada. Parei de ir à escola, não só por esse motivo, acredito que minha avó não foi o suficientemente firme comigo, deixando prevalecer o meu querer. Como minha tutora temporária, deveria ter me convencido de que eu estava vivendo um momento difícil e diferente, cheio de coisas novas e desafios importantes a serem enfrentados, e a nova escola e esses novos amigos, como também a ausência dos meus pais, faziam parte desses desafios a serem enfrentados. Conforme Bee (1997), a comunicação franca e regular entre pais e filhos produz resultados positivos. Crianças de famílias que têm o hábito de dialogar mostram-se emocional e socialmente mais maduras.

Só no ano 1987 retornei para a escola, em outra instituição, agora, na Escola de 1º grau Vitalina Maria de Jesus. Minha nova professora se chamava Maria de Fátima, mas todos a conheciam por Fátima. Ela era rígida, diferente da primeira, ela falava muito e, por vezes, gritava, devido a isso, constantemente tinha problemas de garganta, contudo, eu gostava dela.

Desse período, tenho lembranças mais completas: das brincadeiras na hora do recreio, do sabor das merendas servidas pela escola e de alguns colegas. Como disse antes, eu gostava dessa professora, ficava preocupada com suas crises de garganta, por vezes, eu levava casca da romã, uma fruta medicinal, para ela fazer gargarejos e melhorar logo.

Sabe-se que a aprendizagem das crianças acontece por meio de múltiplas linguagens, portanto, é imprescindível diversificar as possibilidades de atividades oferecidas, oportunizando diferentes vivências para as crianças, ampliar e qualificar sua aprendizagem, como também, construir laços afetivos significativos que lhes ajudem a lidar com suas próprias emoções e na relação com os outros, Segundo Dantas (1992), referenciada na psicogenética em Wallon, onde as dimensões afetivas tem lugar central, tanto na perspectiva da construção *self*, quanto na construção do conhecimento, explica o seguinte:

A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente a vida racional. portanto, no início da vida, afetiva e inteligência estão sincreticamente misturadas com o predomínio da primeira (DANTAS,1992, p. 90)

Partindo dessa perspectiva walloniana, que a afetividade e inteligência estão intrinsecamente ligadas, logo a linguagem, a fala e todos os outros signos, são dimensões da inteligência, ou seja, a partir das funções, da escrita e da fala, como forma de comunicação, podemos demonstrar a afetividade de forma mais pontual e direcionada. Então nesse aspecto o professor pode construir o conhecimento dos alunos através da afetividade, comunicando com a sua turma com o tom de voz, suave, sem hostilidade e agressividade, buscando de alguma forma aproximar-se deles, para então identificar as dificuldades que possam apresentar, e assim auxiliá-los na superação dos desafios.

Estudei nessa escola as 1ª e 2ª séries, porém, no meio do ano letivo, a escola foi interditada pela defesa civil e todos os alunos foram remanejados para outra escola. Nessa etapa de minha escolaridade, não tenho muitas lembranças das atividades desenvolvidas, mas sei que o meu caderno era horrível, cheio de orelhas, amassado e sujo. Várias vezes fui castigada por ser tão desleixada com o material. A escola para a qual fomos remanejados ficava bem longe de casa, então, eu e Neide, uma amiga e vizinha, íamos a pé e sozinhas para a escola. Era uma odisseia, uma aventura esse trajeto.

Em 1990, iniciei a 3ª série em outra instituição, agora, no Centro Educacional Agenor Magalhães. Desse período, lembro-me das aulas de Português, gostava muito principalmente das aulas de interpretação e produção de texto. A professora Izilda sempre me incentivava, estimulava a criação de pequenos textos. Também gostava de Geografia, conteúdos nos quais abordavam localização do tempo e espaço, dos pontos cardeais e colaterais, das aulas de História, sobre o descobrimento do Brasil; eu tinha o maior orgulho de ter nascido no estado por onde entraram os primeiros colonizadores, sentia-me parte da

história. Tudo o que a professora explicava e lia nos livros era muito interessante. Não tinha muita intimidade com matemática, e isso me dificultava muito, pois minha mãe não era paciente ao me ensinar, brigava e me deixava de castigo quando eu não conseguia fazer as atividades. Inclusive, pagou aulas de reforço, mas, sem muito êxito, lamentavelmente, não tinha paixão, não gostava de matemática, como das outras matérias.

Sabe-se que o número de evasão escolar, inclusive em alguns cursos de graduação, deve-se muito ao não entendimento matemático, como, também, a escolha de cursos que não cobrem tanto o conhecimento dessa matéria. Isso é muito ruim, pois a matemática está em tudo. Hoje, o que se tem é o resultado o reflexo de uma didática castradora, autoritária. Entretanto, uma das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é trabalhar a interdisciplinaridade, na qual aponta uma visão crítica e é concebida como um sobrepujamento a essa concepção de conhecimento fragmentado. A interdisciplinaridade é apontada como um recurso, um método bastante eficaz de ensino. Ou seja, nesse modelo, a construção da aprendizagem é quase por inteiro, reduzindo a condição fracionária do ensino e possibilitando a organização das diversas áreas do conhecimento e promovendo um diálogo entre várias disciplinas. Na educação infantil e nas series iniciais, o professor tem a possibilidade de trabalhar de maneira lúdica a matemática e o português dentre outras disciplinas, na confecção de jogos, na promoção de situações que propiciem a leitura e a escrita e a interpretação e resolução de problemas, conhecimentos geográficos, históricos dentre varias possibilidades.

Não fui uma garota estudiosa, compreendia muito bem o que a professora explicava. Por várias vezes, me aconselhava para que eu me dedicasse um pouco mais, que eu era uma garota muito esperta e de grande potencial, porém, o meu comprometimento era baixo e o meu pavio era curto. Por conta desse meu "estopim" curto, uma vez, me envolvi em uma briga com uma colega de classe, diga-se de passagem, a garota popular. Foi uma briga meio séria, onde eu quebrei o nariz da garota. A situação foi tão grave que, dessa vez, eu fiquei quinze dias de suspensão. Nesse ano, eu reprovei, não consegui alcançar a turma. Como sempre, me metendo em confusão, certo dia após o fim da aula, eu e outras crianças, ao invés de voltarmos para casa, fomos "apanhar" frutas em um pomar próximo da escola. Não sei por qual razão, um garoto ruivo, penso que o nome dele é Ivan, me provocou e não deixei por menos: acertei uma "lancheirada" na cabeça dele, que fez um hematoma na hora. Enfim, eu só consegui terminar a 4ª série em 1992, após sete anos do meu primeiro contato com a escola.

Agora nesse lembrar, me vendo como objeto de estudo, refletindo, de fato fui uma garota briguenta! Mas o que me impulsionava a agir assim seria o meu gênio "marrento"?

Falta de limites? Ou minhas ações reverberavam a falta de atenção dos meus pais? Devido aos problemas de saúde do meu pai, e com o nascimento dos outros filhos, me sentia isolada, enciumada, e agia assim para chamar a atenção? Ou será que o problema do meu fracasso escolar tinha haver com a forma dos professores conduzirem suas aulas, ou os métodos de ensino não favoreciam o aprendizado?

Hoje, confrontando com os princípios e conhecimentos teóricos pedagógicos em psicologia infantil e social, e também psicopedagógicos, sabe-se que crianças em conflitos emocionais tendem a ser retraídas, agressivas e a terem dificuldades de aprendizagens, variando o comportamento de indivíduo para indivíduo. Em relação ao desenvolvimento emocional da criança deve-se muito a atmosfera familiar, sobretudo na fase de transição da terceira infância e pré-adolescência, onde a disputa de poder, e desejo da autonomia, é reivindicada e os conflitos familiares entre pais e filhos, se intensifica. No que se refere à participação da escola na formação do caráter, valores e princípios morais dos alunos, é levando muito em consideração, a forma como é trabalhado as práticas pedagógicas, e a relação comunidade escola.

No que tange a esses temas sociais inerentes à família, e as instituições escolares, seja qual for o âmbito social, não são sanados analisando apenas um culpado. Em casos de indisciplina, quase sempre o aluno é apresentado como culpado pelo seu fracasso escolar. Diferente do que se pensa, as causas pelas quais a insubordinação advém, estão direta ou indiretamente distribuídas entre a escola e os familiares: A escola, com professores despreparados, desmotivados e desvalorizados, por gestões egocêntricas e por um Estado omissivo e ausente. Desestrutura familiar, poucos recursos, falta de emprego, desigualdades sociais, dentre outros fatores. Mesmo que as explicações encontrem-se direcionadas quase sempre em problemas familiares, ou na eficiência do aluno, fato é que as causas dos problemas têm que ser investigadas, pois a indisciplina interfere diretamente no processo de ensino/aprendizagem.

Cabe ao professor ficar atento quando o seu aluno não está indo bem nas atividades escolares e tem dificuldades em aprender, mostrando-se inquieto, desobediente desinteressado, desatento e agressivo. O professor deve investigar quais as causas, o que está provocando esse comportamento, informar os pais, as dificuldades observadas, instruído os mesmos a buscar auxílio em especialistas e, se for o caso, procurar um psicólogo, um Psicopedagogo, para auxiliar no diagnóstico e tratamento. De acordo com Barone (1990, p.19), “a tarefa do Psicopedagogo é levar a criança a reintegrar-se à vida escolar normal, segundo suas potencialidades e interesses”.

Quanto aos gestores e coordenadores pedagógicos, buscar uma aproximação com a comunidade escolar, com as famílias, promovendo a tão sonhada gestão democrática nas instituições.

Voltando às minhas memórias, em busca de melhores condições de vida, meus pais decidiram sair do estado da Bahia. Em agosto de 1993, chegamos a Rondônia. Na iminência da mudança, minha mãe não me matriculou em nenhuma escola. Perdi mais um ano letivo. No ano seguinte, já aqui no novo estado, meus pais me matricularam em uma escola muito longe de nossa casa, não consegui conciliar estudo e tarefas domésticas, chegava todos os dias atrasada, cansada e, desestimulada, acabei desistindo. A vinda para Rondônia causou um desajuste familiar muito grande, tendo que nos adaptar em lugar diferente, a costumes divergentes dos nossos, dificuldades financeiras e outros problemas. Diante de todos esses desafios, meus pais não conseguiram sustentar uma crise no relacionamento deles e acabaram se divorciando. Devido às necessidades financeiras, tive que começar a trabalhar para ajudar a minha mãe nas despesas da casa. Nesse momento, estudar era secundário, garantir o sustento era uma necessidade prioritária, mas, sem escolaridade e menor de idade, só conseguia subempregos de babá e empregada doméstica.

Já começando a sentir a necessidade de ter um emprego melhor, em 1995, voltei a estudar em curso regular à noite, porém, eu não conseguia acompanhar a turma. Agora, já não me envolvia em brigas, começava a despertar a vontade de namorar. Meu sonho era casar, e esse desejo falava mais alto do que o de estudar, então, casei-me aos dezessete anos, constituí uma família, tive minha primeira filha aos dezoito anos, vieram outras prioridades e adiei por dez anos a escolarização.

3-A RETOMADA

Não ter concluído nem o ensino fundamental me incomodava profundamente, sem falar das oportunidades de ter emprego com salário melhor. Retomei meus estudos pelo programa *Telecurso* em 2003, concluindo em dois anos as séries de 5ª a 8ª, com um pouco mais de dificuldade na aprendizagem, porém, com determinação e persistência, Continuei na caminhada, agora no ensino médio, querendo correr atrás do tempo perdido. Fiz o módulo seriado semestral no programa Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse modelo educacional, o professor deve encorajar o processo de independência do aluno, deve solicitar a participação ativa dos educandos nas atividades de aprendizagem, levando em conta as experiências, os conhecimentos de cada sujeito, levando em consideração também os princípios psicológicos de que as novas aprendizagens são adquiridas mais facilmente quando relacionadas ao o que os alunos já sabem.

Para recuperar parte do tempo perdido e buscar o aprendizado, é preciso muita dedicação, ler, se informar, buscar de todas as formas suprir o que faltou na base. É difícil, mas não é impossível, prova disso é que passei no vestibular em licenciatura plena em Pedagogia em 2010, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), na modalidade EaD, em parceria com o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), foi um grande passo rumo ao sonho de fazer uma graduação, porém, ainda haveria muitos desafios a serem vencidos.

4- EXPECTATIVASACADÊMICAS

Foi muito emocionante o primeiro encontro e a aula inaugural. Na gincana de apresentação, pessoas com varias histórias de vidas traziam em seus olhares expectativas, uma nova perspectiva de vida, de uma nova carreira, e eu estava ali, também comungando dos mesmos sonhos. Durante o curso, enfrentamos um longo período de greve, a instituição paralisou as atividades por quase dois anos e meus sonhos foi minguando, desfalecendo. Muitos desistiram, migraram para outras instituições. Eu cheguei a pensar em trancar e me matricular em outra faculdade, mas as tutoras e a coordenadora sempre nos incentivaram a não desistir, argumentavam que era uma fase ruim que estávamos enfrentando, mas tudo ia voltar ao seu curso normal, e finalmente, estamos quase concluindo mais essa etapa.

Após superar todas as dificuldades, iniciamos de fato o curso de Pedagogia, gostei muito, logo nas primeiras disciplinas. Devido a pouca intimidade com os teóricos e pensadores das disciplinas de Filosofia, Sociologia, História da Educação, Psicologia, lia muito os materiais disponibilizados no ambiente de estudo, como também pesquisas bibliográficas e na Internet, para compreender melhor todo esse universo do saber. Dentre varias matérias, algumas se tornaram minhas favoritas, como Psicologia da Educação e Psicopedagogia. Identifiquei-me muito, entendi sobre as principais causas de fracasso escolar, que vão desde um problema neurológico à desnutrição, problemas emocionais, a metodologia e até a forma como o professor age em sala com seus alunos pode vir a interferir na aprendizagem do mesmo.

Tive uma oportunidade de trabalhar em uma CEMEI (Centro Educacional Municipal Ensino Infantil). Ingressei através de um programa de estagio remunerado oferecido pela prefeitura para acadêmicos de varias áreas, inclusive Pedagogia. Ali, pude vivenciar teoria e prática. Trabalhei dois anos no berçário como auxiliar pedagógica o CEMEI Nosso Lar recebe crianças de seis meses a seis anos, a clientela é mesclada e atende crianças das classes médias à baixa.

Comecei o estágio no segundo semestre do ano 2015, no momento bem especial em minha vida, no qual, após dezoito anos tornei a ser mãe, foi gratificante essa experiência, que ao mesmo tempo em que recordava como cuidar do meu bebe, eu colocava em pratica os conhecimentos pedagógicos nas questões do desenvolvimento, motor, cognitivo, emocionais e sociais. Como disse, fui lotada no berçário, uma sala com doze crianças, minha função era auxiliar a professora titular em atividades que explorassem os desenvolvimentos físicos e

psicomotores das crianças, além dos cuidados com a alimentação, banho, recreação dentre outros cuidados.

Logo no retorno das férias do meio do ano, recebemos um garotinho de um ano de três meses que chegou para nós sem andar, não comia, não tomava mamadeira, tomava água só em pequenas quantidades, era uma criança apática, não interagia, chorava muito e, onde quer que o deixássemos, ele não tinha mobilidade. Foi muito difícil a adaptação dele, então, eu questionava a professora: será que ele tem algum tipo de demência? É autista? Qual será a deficiência? Fomos avaliar o porquê. Percebemos que alguns fatores poderiam ser desencadeadores do comportamento apático do garotinho e descobrimos que a não aceitação dos outros alimentos, devia-se aos fatos de que ele não comia o que não havia experimentado ainda, mamava somente o leite materno, a família era desestruturada, seu pai era usuário de drogas e foragido da justiça, sua mãe analfabeta e sem instrução, vivia praticamente de auxílio de conhecidos e dos familiares. Ela apenas o amamentava, pois era a única coisa que dispunha, ou seja, ele veio experimentar fruta e comida sólida somente na creche.

Dados da Secretaria de vigilância de saúde (2007) apontam que o número de mortalidade infantil, tem diminuído no Brasil, embora tenha ocorrido à diminuição dos óbitos, os problemas causais são variáveis, contudo as condições socioeconômicas, baixo nível de instrução das mães, e fatores étnicos raciais, nesses grupos ainda é apontado o maior índice de mortalidade infantil, por problemas como; doenças infecciosas, parasitárias e nutricionais.

Depois do levantamento, vimos que o problema da criança era fome, subnutrição. A professora Rose, desenvolveu um carinho muito especial e tinha uma maior afeição a ele, e era recíproco. De acordo com Goldschmied e Jackson (2006), são salutares esses relacionamentos entre a criança, e a cuidadora referencial, pois assim elas desenvolvem a sociabilidade constroem relacionamentos afetivos, através das experiências de receber afeto.

Meses depois o nosso garotinho andava sozinho, já comia tudo que era oferecido, nas atividades o que ele mais gostava de fazer era a pintura, explorar as cores e as texturas. No fim daquele ano, na conferência do portfólio dele, vimos como evoluiu, tanto fisicamente e nutricional, como também suas potencialidades de interação e motricidade.

Um estudo sobre vulnerabilidade e resiliência, promovido pelas pesquisadoras, Emmy Werner e Ruth Smith (1992, *apud* Bee, 2003), a referida pesquisa foi executada na ilha Havaiana Kaiuui, no ano 1955, na qual estudou a resiliência, entre as crianças que crescem na pobreza, a pesquisa das estudiosas apontou o dado interessante, descobriu que certos fatores

específicos de risco, que promoveriam sérios problemas no desenvolvimento posterior da criança, problemas como pobreza, baixo nível de instrução dos pais, instabilidade familiar, como por exemplo, a ausência do pai ou da mãe, durante a pesquisa descobriu-se que esses jovens, tinham tido certos fatores protetores em comum quando bebês, eles eram carinhosos, bem-humorados e fáceis de manejar, quando bebês eles tiveram oportunidade de criar um vínculo positivo, com pelo menos uma pessoa amorosa, na fase escolar, no Ensino Fundamental e no ensino médio eles se relacionavam bem com os colegas, tinham melhores habilidades de linguagem e raciocínio, do que as crianças que acabaram não tendo nenhum desempenho, eles tinham muito interesse em passatempo e costumavam participar de grupos organizados, ou seja, na pesquisa realizada com essas 505, crianças. “Pelo menos dois terços dessas crianças que cresceram em ambiente de pobreza e em famílias caóticas, tiveram um problema sério quando adulto. O outro terço Apesar de pouco apoio ambiental acabou se tornando adultos competentes, confiantes e carinhosos” (Werner 1993, 1995; Werner e Smith, 1992, *apud* Bee, 2003).

O que essa pesquisa deixa claro, embora o indivíduo esteja suscetível a algumas determinações imposta pela sociedade e que o meio ambiente o oprima de maneira coercitiva, ele é também construtor ativo dessa sociedade. Não querendo ser reducionista, mas se o sujeito tiver um bom direcionamento, uma base que o apoie, como também as determinações das escolhas que faz, ele será protagonista de seu sucesso ou do seu fracasso.

Outro momento de grande experiência, quando recebemos um garoto com *Síndrome de Down*. Ele tinha dois anos e seis meses, inicialmente foi matriculado para maternal em uma turma típica, porém ele ainda não estava pronto para acompanhar a turminha. Então ele veio para o berçário, pois as necessidades deles assemelhavam com os cuidados ainda dispensados aos menorzinhos. O desafio foi muito grande tanto pra mim quanto para a professora titular, percebi como é difícil o processo de inclusão de crianças especiais em turma típica, pois elas requerem todo um diferencial, a forma de trabalhar com elas é diferente, exige mais do educador.

Estudos comprovam que as inclusões de crianças com incapacidade de aprendizagem terão melhores resultados de desenvolvimentos, se estiverem em sala comum, como é sabido, a educação inclusiva auxilia, essas crianças integrar-se ao mundo do não incapacitado, facilitando o desenvolvimento e habilidades cruciais para a vida social. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil preconiza que as crianças “portadoras de necessidades educativas especiais” devem ter sua escolaridade atendida, fundamentalmente, pela escola regular, de modo a promover sua integração/inclusão. Entretanto, diante do contexto escolar

em que vivemos esse processo de integração/inclusão, por mais bem elaborado que seja, tem apresentado dificuldades em sua implantação pela instituição escolar. Por varias razões, os espaços escolares não são adequados para o acolhimento dessas crianças, a arquitetura de alguns prédios não foi pensada para esse público, como também o despreparado de alguns professores (BRASIL, 2001).

Com tudo ainda há muita discussão, quanto à inclusão de crianças atípicas em escolas comuns, pois o planejamento escolar tem que ser flexível, para alcançar as necessidades das crianças, haja vista, que cada caso e um caso, uma criança com (TDH) Transtorno do Déficit de Atenção, exige um planejamento diferente da outra que tenha dificuldade de mobilidade, porém sem problemas de aprendizagem. Eis o desafio, o sucesso ou estagnação da criança, com déficit de aprendizagem dependera do desempenho da professora, ao trabalhar com essa criança, para tal é necessário que o professor, tenha treinamento, tenha apoio de especialistas, e ainda auxiliares de classe, como cuidadores ou voluntários.

Como disse anteriormente, sentimos bem essas dificuldades, na aplicabilidade das atividades pensadas para a turma, eles têm muita dificuldade em efetuar ou às vezes não consegue concluir o proposto. Nos momentos de frustração as crianças reagem com o choro, à criança típica é acalentada mais facilmente, quando é entretida com algum objeto ou uma brincadeira, em relação à criança especial é mais demorado, pois elas tendem a ser mais indiferentes aos estímulos externos.

Em face desse desafio fui buscar entender mais sobre inclusão fiz uma visita no centro de autismo de minha cidade, onde eles atendem crianças com TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento). Conversei com algumas professoras e auxiliares, e elas me apresentaram alguns recursos usados com as crianças da instituição e materiais pedagógicos direcionados a esse fim. Entendi que inclusão vai muito além de uma rampa de acesso e de banheiros equipados.

Para a inclusão, é preciso muito mais, é necessário qualificação, é preciso comprometimento, políticas públicas eficazes nesse sentido, como também a valoração dos professores. Sabemos que há formação continuada para os profissionais em educação, que há treinamento, mas, contudo, ainda falta muito a ser feito para alcançarmos a excelência.

Foi bastante difícil a adaptação do nosso aluninho, ele chorava muito, sentia ausência da mãe, a rotina puxada de levá-lo em terapias, como fonoaudiólogas, natação entre outros, optou por tirá-lo da creche, e manter somente aos estímulos dos outros profissionais, sabemos que ele vai paulatinamente integra-se ao meio social, de forma lenta em relação as outras

crianças, mas é possível ter uma vida próxima das expectativas de uma normalidade. Quanto a mim, valeu a experiência, e o conhecimento adquirido.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que já foi exposto, sabemos que são vários os fatores causais, que levam a criança ao fracasso escolar, dentre estes fatores esta a desestrutura familiar, na qual a criança por esta em situação de stress, e responde de varias formas, desde a agressividade, melancolia, desinteresse, e por fim o déficit na aprendizagem levando ao prejuízo estudantil. Ao produzir esse memorial, me fez refletir sobre o meu papel como futura educadora, reforçou o entendimento que minhas ações em sala também influem diretamente na formação dos alunos, tanto positiva como negativamente.

Portanto a partir das minhas experiências pessoais, dos desafios da educação, e minha perspectiva profissional quanto educadora, posso contribuir na construção do protagonismo do educando. Como disse Freire (1996), por isso é que na formação permanente dos professores o momento fundamental é a da reflexão crítica sobre as práticas. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Fazer parte do projeto de estágio remunerado, junto com a graduação foi uma experiência ímpar, pois dele tirei inúmeras experiências para subsidiar minha carreira como futura educadora das séries iniciais. Mudei minha forma de olhar a docência, ampliei minhas perspectivas e expectativas, pois tinha uma visão muito romântica do universo escolar. Entendi que lidamos com sujeitos de diversos níveis, sócio histórico com vivencias, traumas e leitura de mundo diferenciado, e que isso influencia imensamente no contexto escolar, e a forma como o educador tem que planejar suas ações, para compreender esses traços marcantes na sala de aula.

Além da diversidade histórica, existem fatores estruturais e precariedades enfrentadas por muitas escolas em todo país. Contudo, sabemos que a educação de qualidade pode mudar esse quadro. Tendo a consciência de que sou um instrumento fundamental na construção dos conhecimentos nas descobertas dos pequeninos, preciso me qualificar e buscar mais embasamento para subsidia minha profissão, como dizem Goldschmidt Jackson (2006), que todos que estão envolvidos no trabalho com crianças querem dar o melhor de si. Por que

queremos isso, por que temos a consciência e o entendimento que são, nas experiências mais precoces na vida da criança, que vão marcar e influir profundamente em sua aprendizagem e seu desenvolvimento. Quando disse que mudei meu olhar sobre a docência, dizia nesse sentido, pois quem pensa que o trabalho com educação infantil é fácil, é menos desgastante que com educação do fundamental e médio, engana-se, pois é na primeira infância que incute preceitos, valores, e certos preconceitos também é concebido nessa idade.

Durante todo esse processo de descobertas e aprendizagem, foi de suma importância para a minha formação acadêmica, na construção não só profissional, como também pessoal, pois me possibilitou refletir sobre a importância do papel como educadora, no processo de mediação do conhecimento, compreendi que o aluno é o sujeito ativo no processo da aprendizagem, que cada de um tem a sua forma interagir com o meio, cada um tem seu tempo, que nem todas as crianças da classe terão á mesmas desenvoltura, cabe a mim como educador ter a sensibilidade e a perspicácia, de trabalhar de forma que alcance as necessidades de cada um deles, de acordo com e as suas diferenças e limitações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. ***Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica*** /Secretaria de Educação-MEC/SEESP, 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. ***Parâmetros Curriculares Nacionais***: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. ***Saúde Brasil 2007: uma análise da situação de saúde*** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BEE, Helen. ***A criança em desenvolvimento***/Helen Bee; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 9. ed.Porto Alegre:Artmed.2003.

BEE, Helen. ***O Ciclo vital***/Helen Bee;trad.Regina Garcez. Porto Alegre: Armed. 1997

BARONE, L. M. C; SCOZ, B. J. L. E RUBINSTEIN, E (orgs). ***Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional***. Porto Alegre: Arte Medicas, 1990.

FREIRE,Paulo. ***Pedagogia da Autonomia.SaberesNecessarios Á Pratica Educativa:*** SaoPaulo:Paz e Terra,1996.

GOLDSCHMIED,Elinor, JACKSON, Sonia.***Educação de 0 a 3 Anos:o Atendimento Em Creche.*** Tradução: Marlon Xavier. 2 ed.Porto Alegre 2006.

LA TAILLE, YVES de, 1951. Piaget, Vygotsky, Wallon: ***teoriaspsicogenéticas em discussão***/Yves de La Taille, MARTA KAHL de Oliveira, HELYSADANTAS. São Paulo: Summus, 1992.

MORENO Murcia, Juan Antônio. ***Aprendizagem através dos jogos***; Valério Campos. Porto Alegre: Armed, 2005.

PRADO, G.; SOLIGO, R. Memorial de formação: ***quando as memórias narram à história da formação***. In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). ***Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações***. Campinas, SP: Graf, 2005.